

VOCAÇÃO PARA O CINEMA

O namoro de Brasília com o cinema começou na época da construção, prosseguiu com o curso da UnB nos anos 70 e se firmou com a criação do Pólo três anos atrás

MARIA DO
ROSÁRIO
CAETANO

Brasília, desde seus primeiros dias, foi pensada como um centro de excelência cultural, um polo irradior, um espaço de produção capaz de arrancar o Brasil de vocação que parecia atá-lo, para sempre, ao litoral. Por isto, já em seu nascedouro, viu brotar da Faculdade de Comunicação de Massa, sonho do jornalista e professor Pompeu de Souza, o curso de Cinema comandado por Paulo Emílio Salles Gomes, Nelson Pereira dos Santos e Jean-Claude Bernardet.

Se a cidade tinha uma arquitetura de vanguarda, concepção urbana atrevida e inovadora, esculturas de seus maiores artistas postadas nas grandes praças, por que não investiria no que de melhor se fazia, então, no terreno do audiovisual?

Darcy Ribeiro, reitor da recém-criada Universidade de Brasília, não fez por menos. Convocou o nome mais respeitado do inquérito Cinema Novo para fazer (e ensinar a fazer) filmes na UnB. No comando do processo, Paulo Emílio Salles Gomes, pesquisador de ponta que, mais do que ninguém, acreditava no cinema brasileiro. E, junto dele, um jovem belga, de nome Jean-Claude Bernardet. Foi em Brasília que nasceu a bíblia do Cinema Novo: *Brasil em Tempo de Cinema*, livro-tese de Bernardet.

Nos anos pioneiros, Nelson investigou a babel de falares brasileiros em busca de acento que seria gerado da soma de sotaques. *Fala, Brasília* está aí como símbolo de um tempo de investigações pelo cinema. De um tempo em que investigar e ousar eram preciso. Crises vieram. Paulo Emílio, Nelson e Bernardet se foram. Mas a cidade continuou instigando e atraindo novos criadores. Por aqui passaram Cecil Thiré, Maurice Capovilla e, como alunos, Jorge Bodanski, Tizuka Yamazaki, Nuno César de Abreu, Miguel Freire e Augusto Ribeiro.

Em 1970, um paraibano teimoso chegou a Brasília. A seu lado, um carioca de pouca conversa. A dupla — Vladimir Carvalho e Fernando Duarte — já desembocou na UnB com a mão na massa. De cara, filmaram o exame vestibular de 1970. Resultado: um filme de clima, em poético e opressivo preto-e-branco (Vestibular 70). A cidade ganhava seu segundo manifesto filminco. Tão importante quanto *Fala, Brasília*. O paraibano logo de cara expôs seus planos: "Vamos criar, aqui, um Centro de Documentação do Centro-Oeste. Fui atraído para começar esse trabalho e a coisa foi sendo adiada", lembra o cineasta, que mora há 23 anos na cidade. "As imagens



Paulo Cabral

dade, havia por aqui uma dezena de realizadores e técnicos (Márcio Curi, João Ramiro Mello, Roberto Pires, Hugo Mader) pronta para ajudar a levar o projeto adiante. O primeiro a concluir um filme com apoio do Pólo foi Vladimir Carvalho. Um documentário de mais de três horas de duração. *Justo Conterrâneos Velhos de Guerra*. E o primeiro, como que para prestar tributo aos pioneiros dos anos de ousadia, a concluir um longa-metragem de ficção, gerado com recursos do mesmo Pólo de Cinema, foi Nelson Pereira dos Santos. A *Terceira Margem do Rio*.

Com a mão na massa estão Pedro Jorge de Castro, que cuida da finalização de *Calor do Pele*, seu segundo longa-metragem; Roberto Pires, que faz da edição de *A Bela da Noite*, primeiro episódio da série *Contos da Meia-Noite*; André Luiz de Oliveira, que filma, mês que vem, na sede do Pólo em Sobradinho seu terceiro longa (*Louco por Cinema*); Pedro Anísio, que prepara-se para finalizar *Explosão Aborigene*, híbrido de ficção e documentário iniciado com a primeira grande audição pública de *Sinfonia da Alvorada* (Tom Jobim e Vinícius de Moraes). Geraldo Moraes que ocupou, na gestão de Antônio Houaiss, a Secretaria de Desenvolvimento do Audiovisual, também inicia a pré-produção de seu novo longa, *No Coração dos Deuses*, o terceiro de sua carreira.

Festival — O cinema tem sido, em Brasília, manifestação artística que continua acreditando nos princípios norteadores da criação da nova cidade-capital. Aqui se buscam imagens de outros Brasis, aqui se olha em várias direções. Para o Araguaia, o Nordeste, o Norte, e principalmente para a complexa Brasília, hoje soma de Primeiro e Último Mundo. Vê-se a arquitetura futurista de Niemeyer com o mesmo interesse com que se vê o barraco feito de saco de cimento (não com o pó mineral, mas sim com sua frágil embalagem). *Conterrâneos Velhos de Guerra* é isto. Síntese de dois Brasis.

Graças ao Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, criado por Paulo Emílio para que todos os olhares do País convergissem — e divergissem, por que não? — para o centro de todas as decisões políticas, a cidade acompanha, como poucas — ou nenhuma outra — os momentos de invenção e destrambelho que compõem a história desta arte quase centenária.

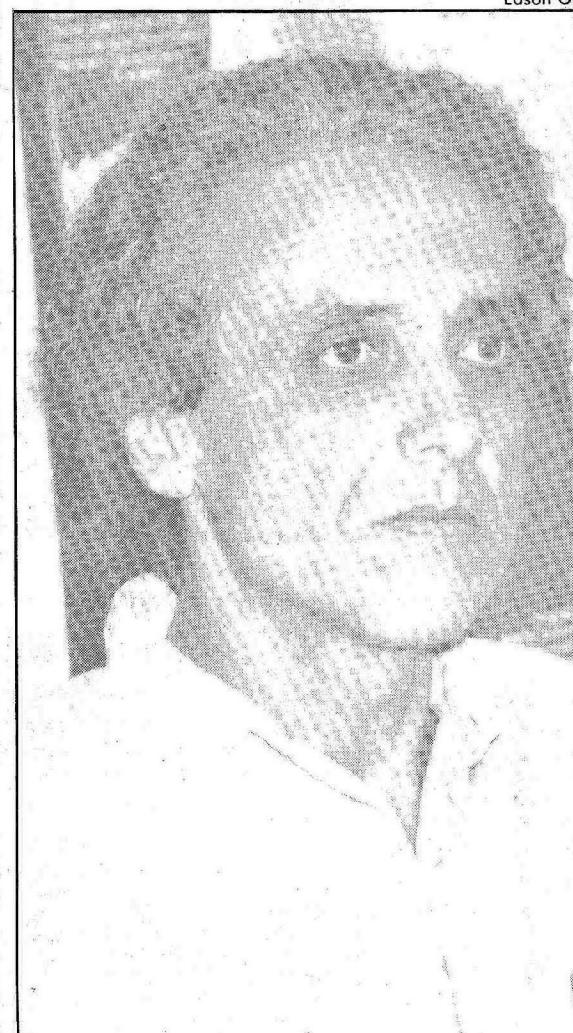
produzidas aqui são diferentes de outros locais. O cinema de Brasília é mais interpretativo, mais analítico, por isso a minha identificação maior". Quando chegou à cidade, Vladimir já tinha isso em mente: "A vocação da cidade é o cinema documentário". Idéia polêmica. Há quem veja Brasília, também, como um espaço para a ficção. Até — e principalmente — para a ficção científica.

A polêmica, neste caso, parece secundária. O que realmente interessa é que em 25 anos de Brasília, Vladimir só fez documentá-la. Hoje, aos 58 anos, sonha com a criação da Cinemateca de Brasília. Os amigos pensam até em vé-lo na Assembléa Distrital. A credencial, um filme: *Conterrâneos Velhos de Guerra*, epopeia gerada em 21 anos de labuta. Colheu imagens ao longo de duas décadas, como uma formiga. E gerou uma ópera candanga. Um filme tão grande quanto os gerados por Dziga Vertov, Flaherty, Joris Ivens e Eduardo Coutinho.

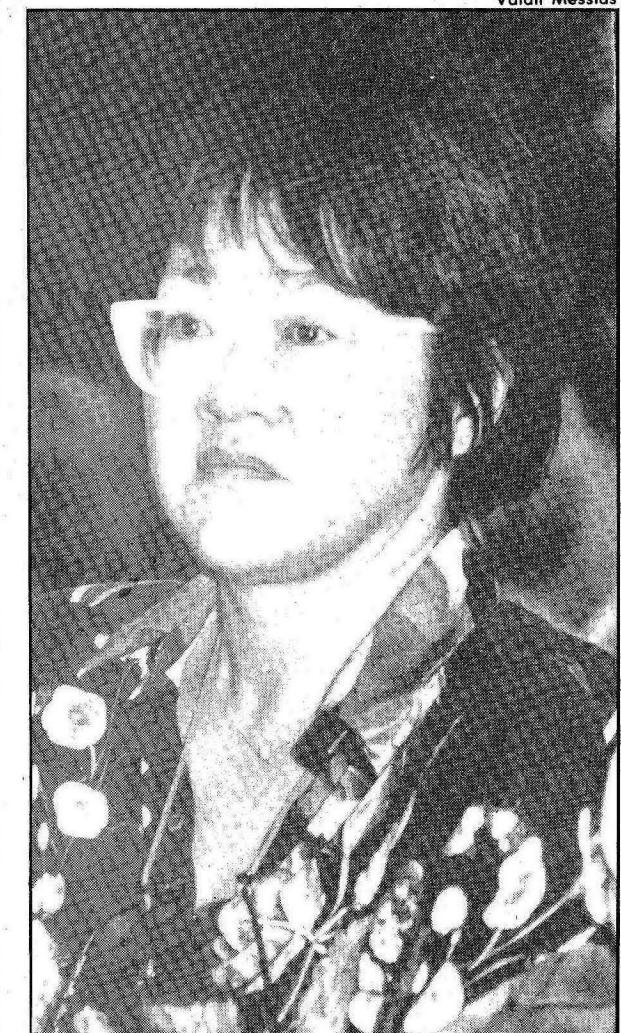
Pólo de Cinema — Se faz cinema em Brasília desde 1957. Naqueles anos em que tudo "era o ermo", a imensidão empoeirada, cinegrafistas de JK documentavam a cidade que brotava do chão. Até um estrangeiro, Eugène Feldman, despejou seu olhar de encanto sobre a nova cidade que nascia do duro labor dos operários em construção.

Depois, vieram os professores da UnB (Vladimir, Fernando Duarte, Geraldo Moraes, Pedro Jorge, Geraldo Sobral) e seus alunos. Nos anos 70 e 80 nova geração de diretores: Marcos Mendes, Sérgio Moriconi, Pedro Anísio, Marcelo Coutinho, João Falcó, Zuleika Porto, Sérgio Bazzi, Armando Lacerda. A própria UnB oferecia mais um realizador que vinha do Instituto de Física, não da Faculdade de Comunicação, José Acioli.

Quando, em 91, o Pólo de Cinema e vídeo do DF fez-se reali-



Edson Gêss



Valdir Messias

André Luiz de Oliveira volta a filmar em abril; Tizuka Yamazaki começou a estudar cinema na UnB nos anos 70